A psicanálise diante do novo futuro de uma ilusão[1]

Caroline Alves do Nascimento Chaves Cordeiro
e Cláudia Ferreira Melo

Resumo

Partindo da questão posta por Freud em 1927 sobre os caminhos e os desenvolvimentos da cultura e imersos nas transformações sofridas nos últimos tempos com a concretização dos ideais de hiperindividualização e hipersegmentação do capitalismo em sua face neoliberal, propõe-se refletir de que modo a psicanálise pode se sustentar e se atualizar diante das transformações contemporâneas sem renunciar a seus fundamentos. A pesquisa baseia-se em referências teóricas da psicanálise e nas ideias do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, em que é realizada uma reflexão crítica sobre a lógica capitalista e as novas formas de sofrimento que atravessam o sujeito contemporâneo. Conclui-se que é pela aposta no inconsciente e no trabalho da palavra que o discurso do analista deve pautar-se, sustentando, assim, o legado freudiano de fazer surgir outras formas de dizer, desejar e existir.

Palavras-chave:

Neoliberalismo; Ética da psicanálise; Discurso do analista; Byung-Chul Han.

Psychoanalysis confronting the new future of an illusion

Abstract

Taking as a starting point Freud's 1927 inquiry into the trajectories and development of culture, and immersed in the recent transformations brought about by the consolidation of hyper-individualization and hyper-segmentation ideals within neoliberal capitalism, this study seeks to reflect on how psychoanalysis can sustain itself and adapt to contemporary shifts without compromising its foundational principles. This research draws upon psychoanalytic theoretical frameworks and the insights of South Korean philosopher Byung-Chul Han to conduct

1 Trabalho apresentado no XVII Simpósio Internacional do Programa de Pós-graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj): "A ética da psicanálise e a multiplicidade dos discursos".

a critical reflection on capitalist logic and the new modalities of suffering that permeate the contemporary subject. The study concludes that the analyst's discourse must remain grounded in an unwavering commitment to the unconscious and the work of speech, thereby upholding the Freudian legacy of fostering new ways of speaking, desiring, and existing.

Keywords:

Neoliberalism; Ethics of psychoanalysis; Analyst's discourse; Byung-Chul Han.

La psicoanálisis frente al nuevo porvenir de una ilusión

Resumen

Partiendo de la cuestión planteada por Freud en 1927 sobre los caminos y desarrollos de la cultura, e inmersos en las transformaciones sufridas en los últimos tiempos con la concreción de los ideales de hiperindividualización e hipersegmentación del capitalismo en su fase neoliberal, se propone reflexionar sobre el modo en que el psicoanálisis puede sostenerse y actualizarse ante las transformaciones contemporáneas sin renunciar a sus fundamentos. La investigación se basa en referencias teóricas del psicoanálisis y en las ideas del filósofo surcoreano Byung-Chul Han, realizando una reflexión crítica sobre la lógica capitalista y las nuevas formas de sufrimiento que atraviesan al sujeto contemporáneo. Se concluye que es mediante la apuesta por el inconsciente y el trabajo de la palabra que el discurso del analista debe orientarse, sosteniendo así el legado freudiano de dar lugar a otras formas de decir, desear y existir.

Palabras clave:

Neoliberalismo; Ética del psicoanálisis; Discurso del analista; Byung-Chul Han.

La psychanalyse face au nouvel avenir d'une illusion

Résumé

Partant de l'interrogation soulevée par Freud en 1927 sur les voies et les développements de la culture, et plongée dans les transformations récentes liées à la concrétisation des idéaux d'hyper-individualisation et d'hyper-segmentation du capitalisme sous sa face néolibérale, cette étude propose de réfléchir à la manière dont la psychanalyse peut se maintenir et s'actualiser face aux mutations contemporaines sans renoncer à ses fondements. La recherche s'appuie sur les références

théoriques de la psychanalyse ainsi que sur les idées du philosophe sud-coréen Byung-Chul Han, afin de mener une réflexion critique sur la logique capitaliste et les nouvelles formes de souffrance qui traversent le sujet contemporain. Il en ressort que c'est par le pari de l'inconscient et le travail de la parole que le discours de l'analyste doit s'orienter, soutenant ainsi l'héritage freudien qui consiste à faire émerger d'autres manières de dire, de désirer et d'exister.

Mots-clés :
Néolibéralisme ; Éthique de la psychanalyse ; Discours de l'analyste ; Byung-Chul Han.

Introdução

> Quando vivemos um longo período em uma determinada cultura e frequentemente nos empenhamos em investigar quais seriam suas origens e os caminhos de seu desenvolvimento, certo dia sentimos, além disso, a tentação de voltar o olhar para a outra direção e perguntar qual destino essa cultura teria pela frente, e por quais transformações ela estaria determinada a passar. (Freud, 1927/2020, p. 233)

Com essa citação, Freud (1927/2020) abre "O futuro de uma ilusão", e é hoje também, de certo modo, quase cem anos depois, nossa questão pensar qual destino nossa cultura e sociedade têm pela frente, dado que já estão sofrendo diversas transformações ao passar por uma das maiores crises globais da história — a pandemia de covid-19, seguida por mudanças geopolíticas radicais, os efeitos das mudanças climáticas, revoluções econômica e tecnológica. Ainda se faz necessário considerar que também estamos passando pela quarta revolução industrial, com o *big data*, ou seja, "a concretização dos ideais de hiperindividualização e hipersegmentação do capitalismo em sua face neoliberal" (Alcântara, 2025b, n.p.). O que, de acordo com Alcântara (2025b), apresenta uma quebra de paradigma que separa a antiga dicotomia biopolítica descrita por Foucault entre normal e patológico de uma nova dicotomia entre o normal e o ótimo, em que o normal deve ser otimizado. Será que chegamos ao destino ao qual Freud se questionava na epígrafe que abre este trabalho?

Diante de tais transformações e evoluções culturais, tomando como modelo a forma freudiana de reformular suas teorias, motivada pelas mudanças e exigências de sua época, este trabalho leva à reflexão de que, movido pelos acontecimentos de seu tempo, o psicanalista deve ter um olhar crítico, clínico e advertido para as novas formas de sofrimento, sintoma e mal-estar que os novos tempos

produzem no sujeito. Por isso, inspirando-se no gesto freudiano de escutar os impasses de sua época e de recolocar sua teoria frente a eles, a proposta deste trabalho é pensar de que modo a psicanálise pode se sustentar e se atualizar diante das transformações contemporâneas. E ainda, interrogar como se sustenta a formação do analista diante das exigências da atualidade — tomando como ponto central o neoliberalismo como o novo futuro de uma ilusão — sem abdicar de seus fundamentos.

Da sociedade disciplinar à sociedade do desempenho

De acordo com Freud (1927/2020), a cultura humana mostra dois lados: de um, está o saber e a capacidade de domínio do homem sobre a natureza, a fim de extrair dela recursos para a satisfação de suas necessidades; e, do outro, estão os dispositivos necessários para a regulação das relações humanas, e especialmente a distribuição dos bens acessíveis. Isto é, de um lado está o saber e do outro está a lei. A instauração destes dispositivos foi necessária para que a vida em comum fosse possível e para isso foi necessário que cada indivíduo renunciasse a uma parcela de satisfação pulsional, algo sacrificial, que os fez sentir como gravemente ofendidos por tais imposições culturais. Foi nesse contexto que o núcleo paterno, desde sempre oculto por trás de cada figura divina, foi exposto. Freud (1927/2020) identificava, no cerne das crenças religiosas, ilusões baseadas em desejos infantis, sobretudo no desejo de proteção diante da impotência humana diante da natureza, da transitoriedade e das demais contingências da vida. Com o estabelecimento do monoteísmo, momento em que Deus se tornou único, as relações com ele puderam reaver a intimidade e a intensidade da relação infantil com o pai. A religião seria, assim, uma projeção e ampliação da figura paterna transformada em divindade onipotente.

Em suma, a nostalgia do pai expressa a necessidade de amparo diante da fragilidade da condição humana. Amparados nas memórias da infância, recorria-se ao Pai divino que sustentava a esperança de justiça, recompensando o bem e punindo o mal — se não neste mundo, em outro. A religião, assim, oferecia não apenas consolo diante da morte, mas também um suporte moral que conferia um sentido último às experiências humanas.

Freud (1927/2020, p. 252) demonstra que "as ideias religiosas surgiram da mesma necessidade que todas as outras conquistas da cultura, da necessidade de se defender do opressivo poder descomunal da natureza". E acrescenta a isso "um segundo motivo, a pressão [*Drang*] para corrigir as imperfeições da natureza, sentidas como desagradáveis".

"Cada indivíduo é virtualmente um inimigo da cultura", afirma Freud (1927/2020, p. 234). E essa precisa ser defendida contra o indivíduo, que com suas moções hos-

tis, pode destruir tudo aquilo que construiu. Em "O mal-estar na cultura", Freud (1930/2020) desenvolve a ideia de que a destrutividade é inerente à cultura e que o relacionamento com os outros é a causa de maior sofrimento do homem. "O mal-estar da civilização é o mal-estar dos laços sociais" (Quinet, 2009, p. 17).

A ciência e a técnica que foi usada pelo homem para construir também pode ser usada para aniquilar (Freud, 1927/2020). É isso que vemos se concretizar na atualidade com o acúmulo desenfreado de mercadorias e informações que segue a lógica pulsional, visando a preencher a satisfação perdida, mas apesar da ilusão de completude assegurada pelo consumo e pelo progresso técnico que a lógica capitalista tenta sustentar, essa promessa é sempre parcial, insatisfatória e produtora de novas formas de sofrimento: desastres ecológicos, aumento das desigualdades sociais, crises econômicas e identitárias, as armas de alta tecnologia utilizadas nas guerras, a disseminação de notícias falsas em grande escala e a própria autodestruição do indivíduo com as exigências e demandas cada vez mais inalcançáveis, motivadas pela premissa do "você pode tudo". "A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais "sujeitos da obediência", mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos" (Han, 2015, n.p.).

Hoje, vivemos um momento em que o projeto moderno atingiu proporções inéditas. Desde a revolução científica até os desenvolvimentos contemporâneos em física, biologia e tecnologia digital, os avanços têm modificado radicalmente a forma como o homem se relaciona com a natureza, com a sociedade e consigo mesmo. A descoberta do DNA, a conquista do espaço, a energia nuclear, a revolução da informática e, mais recentemente, a biotecnologia e as neurociências são expressões de uma mesma aposta e ilusão moderna: a de que o conhecimento racional poderia ampliar a capacidade humana de dominar a realidade. Contudo, assim como Freud apontava em relação à religião, também aqui há um duplo movimento: a ciência emancipa, mas também pode ameaçar; abre horizontes de liberdade e, simultaneamente, inaugura novos riscos e novas formas de dependência.

O neoliberalismo como o novo futuro de uma ilusão

O sistema neoliberal pode ser concebido como o novo futuro de uma ilusão, pois se na religião como uma ilusão, Deus é colocado em um lugar de onipotência, capaz de recompensar o homem por seus sacrifícios de renúncia pulsional, evitando dor e sofrimento. No neoliberalismo, entendido como uma mutação do capitalismo industrial, a lógica da exploração externa é substituída pela autoexploração. O sujeito, agora "empreendedor de si mesmo", não é mais compelido por uma instância externa de autoridade, mas por um imperativo interno de *performance*. A promessa de felicidade plena atua como motor dessa engrenagem,

transformando o sujeito em carrasco e vítima de sua própria produtividade, onde o sucesso é medido pela capacidade de otimização contínua de sua própria vida capital. Essa nova configuração subjetiva subverte a dialética clássica entre senhor e servo. Se, na sociedade disciplinar, o domínio era exercido por uma instância externa que impunha a lei, na sociedade do desempenho de Han (2015), o senhor e o servo coincidem na mesma pessoa. Hoje é disseminada a ilusão de que qualquer um, enquanto projeto livre, é capaz de uma autoprodução ilimitada. No neoliberalismo, ao fracassar, o sujeito não culpa a sociedade ou o sistema, mas a si mesmo. Eis a inteligência do sistema, pois assim não permite que emerja qualquer resistência contra ele. Nesse sistema a agressão se dirige contra a própria pessoa, não transforma o explorado em revolucionário, mas em depressivo. As redes digitais se lançaram inicialmente como um *medium* de liberdade ilimitada, mas hoje se mostram como uma ilusão. A liberdade e a comunicação ilimitada se transformaram em monitoramento e controle total. Cada vez mais as mídias sociais se assemelham a panópticos digitais que observam e exploram impiedosamente o social. (Han, 2018).

Lacan (1968/2015), em sua "Nota sobre o pai", observa que na contemporaneidade o vestígio da evaporação da autoridade paterna conduz não à fraternidade universal, mas à intensificação das segregações. A multiplicação de líderes e ideologias fragmenta e intensifica as barreiras que separam os sujeitos. Proliferam pequenos grupos e identidades que, em vez de promoverem laços mais amplos, reforçam diferenças e instauram novas formas de exclusão.

> Parece-me que em nossa época o vestígio, a cicatriz da evaporação do pai é o que poderíamos situar sob a rubrica e o título geral de segregação. (…) Acreditamos que o universalismo, a comunicação de nossa civilização homogeneíza as relações entre os homens. Eu penso o contrário: que o que caracteriza nosso século — e não podemos deixar de perceber isto – é uma segregação ramificada, reforçada, que se sobrepõe em todos os graus, e não faz senão multiplicar as barreiras. (Lacan, 1968/2015, p. 7)

Freud (1930/2020) sugere que a união de um grupo não ocorre apenas pela identificação com um ideal comum, mas também pela exclusão do outro. Esse processo de canalização da agressividade é uma maneira de lidar com a pulsão de morte, criando laços sociais baseados no ódio e na diferença. Mostrando ainda que a exclusão e o ódio ao outro são modos de lidar com as tensões internas do sujeito e do grupo, e que a cultura, ao invés de apenas civilizar, também mantém uma ligação profunda com a barbárie.

> O discurso como laço social é um modo de aparelhar o gozo com a linguagem, na medida em que o processo civilizatório, para permitir o estabelecimento das relações entre as pessoas, implica a renúncia da tendência pulsional em tratar o outro como um objeto a ser consumido: sexual e fatalmente. Pois a inclinação do homem é ser o lobo do outro homem, ou seja, abusar dele sexualmente, explorá-lo, torturá-lo, matá-lo, saciando no outro sua pulsão de morte erotizada. A civilização exige do sujeito uma renúncia pulsional. Todo laço social é, portanto, um enquadramento da pulsão, resultando em uma perda real de gozo. (Quinet, 2009, p. 17)

Freud (1927/2020) afirma que a massa não aprecia a renúncia pulsional. Argumentar que isso é inevitável não é suficiente para convencê-los. O indivíduo torna-se obediente não mais às imposições da cultura, mas de um líder, com o qual se identifica. Na lógica neoliberal, de acordo com Han (2018), há uma passagem do sujeito submisso ao projeto livre. A coerção, que antes era externa, agora é interna e se manifesta nas formas de desempenho e otimização. "O poder ilimitado é o verbo modal positivo da sociedade de desempenho" (Han, 2015, n.p.).

A idealização também se manifesta nas formas de consumo que estruturam o laço social na contemporaneidade. Safatle (2022) lembra que Marx descrevia algo sobre uma relação fantasmagórica formada nas sociedades capitalistas: o valor de uma mercadoria passa a assumir, de modo quase naturalizado, a propriedade de outra, como se o poder simbólico de um produto pudesse se transferir para aquilo que é posto em seu lugar. Poderíamos fazer uma relação sobre os discursos dos influenciadores digitais que, travestidos de autenticidade, fundam-se na lógica da sugestão: possua tal coisa, compre tal produto, torne-se como eu. Com isso, o que é oferecido não é apenas o produto, mas um modo de ser, um lugar de pertencimento. Dessa forma, vê-se o que é apontado por Safatle (2022), que o sujeito é capturado não pelo valor do objeto em si, mas pela promessa imaginária de completude que ele carrega.

É nesse ponto que, em *O seminário, livro 10: a angústia*, Lacan (1962-1963/2004) afirma que o homem não deseja para além daquilo que já não seja o desejo do Outro, e essa é a via pela qual o sujeito se angustia. Como afirma o psicanalista francês:

> O Outro concerne ao meu desejo na medida do que lhe falta e de que ele não sabe. É no nível do que lhe falta e do qual ele não sabe que sou implicado da maneira mais pregnante, porque, para mim, não há outro desvio para descobrir o que me falta como objeto de meu desejo. É por isso que, para mim, não só não há acesso a meu desejo, como sequer há uma sustentação possível de meu desejo que tenha referência a um objeto qualquer, a não ser

> acoplando-o, atacando-o a isto, o $, que expressa a dependência necessária do sujeito em relação ao Outro como tal. (Lacan 1962-1963/2005, p. 33)

A partir disso, torna-se possível afirmar que não se trata de um excesso de desejo, mas de sua neutralização por meio da promessa de gozo. Dessa forma, não apenas captura o sujeito na lógica do consumo, mas o convoca a se identificar com o próprio objeto, reduzindo-o àquilo que pode ser mostrado, performado, ou mesmo, valorizado.

Nesse sentido, ocorre também outro fenômeno, se assim podemos dizer, que Han (2022) descreve como a violência do igual que consiste em um aniquilamento de qualquer alteridade. Para falar sobre isso, Han (2022) menciona o sistema de coleta de informações *big data,* que consiste em coletar informações e correlacioná-las a conteúdos semelhantes, tornando possível uma forma de controle muito eficiente. Ele explica que as correlações ocorrem da seguinte maneira: "se A ocorre, também ocorre, frequentemente, B" (Han, 2022, p. 12). Não se sabe o porquê ocorre desta maneira, mas evidentemente percebe-se que ocorre uma alienação sobre um determinado saber, de forma que nenhuma outra vertente é apresentada, causando, assim, um empobrecimento de ideias. Como, por exemplo, pessoas que têm determinada inclinação política tendem a receber conteúdos e informações condizentes com sua inclinação.

Há uma tentativa de tamponamento do desejo, que os psicanalistas sabem ser apenas um engodo, pois nenhum objeto da realidade promovido pelo capitalismo será capaz de preencher a satisfação perdida. O neoliberalismo, como analisa Foucault (2008), constrói uma nova subjetividade, uma racionalidade que estabelece um modo de vida em que os sujeitos trabalham e se autogovernam voluntariamente, pautados por uma nova visão de sucesso e felicidade.

Alcântara (2025b) menciona que, diferente da mídia tradicional, em que o público frequentemente reconhece a inclinação editorial, como, por exemplo, o viés político, a modulação algorítmica de gigantes como a Alphabet-Google opera de maneira opaca. O usuário não tem conhecimento das premissas que definem sua identidade, nem mesmo das variáveis que influenciam a curadoria dos resultados. A falta de acesso aos critérios de filtragem estabelece a impossibilidade de uma escolha informada por parte do usuário. Ao contrário de uma seleção de canal baseada na inclinação editorial conhecida, desta maneira o consumo de informações mediada por algoritmos gera uma falsa percepção de que o conteúdo é inerentemente objetivo e imparcial.

A fragilidade dos laços e o discurso do capitalismo

Outro ponto a ser considerado no contexto contemporâneo são os processos de exclusão e segregação que regem o discurso capitalista na contemporaneidade.

Dunker (2015), aborda esse fenômeno a partir do que nomeou "lógica do condomínio", que tem por finalidade excluir o que está fora de seus muros. No meio digital a lógica do condomínio é subvertida, na medida em que é dominada pela exigência de ampliação ilimitada das redes.

Alcântara e Lima (2024, pp. 17-18) descrevem que:

> (…) a lógica do condomínio segue a face familiar, privada e íntima do processo de desespacialização (na concepção Estado-nação), sem instância de representação, nem posição preeminente, dominada pela exigência de ampliação ilimitada das redes. Além disso, há uma exigência de autonomia e o ideal individualista de autoengendramento e autorrealização como forma superior de sucesso. (…) Em última instância, a lei própria que organiza as regras algorítmicas do ciberespaço é a lógica do discurso do capitalista em sua versão neoliberal.

Com isso, entende-se que o laço social contemporâneo que é estabelecido por meio das vias digitais e estruturado por algoritmos e *big data*, tem como resultado a construção de "muros" que os isolam em bolhas, tornando a diferença e o que é "outro" cada vez mais invisível. Sobre isso, Han (2022, p. 100) cita que:

> Hoje, o mundo é, por causa da ausência do outro, menos dotado de voz. Em oposição ao tu, o isso não tem voz. (…) O meio digital atua de modo descorporificante. Ele toma da voz a sua rispidez, a sua corporeidade; sim, a profundidade das cavidades, músculos, mucosas e cartilagens.

O laço social, para funcionar, precisa do estabelecimento de um líder, daquele que domina. São concebidos inicialmente três tipos de discursos com base naquilo que Freud denominou como impossibilidades: governar, educar e psicanalisar; ao que Lacan acrescenta um quarto: fazer desejar, formalizando, assim, os quatro discursos. Mais tarde, ao dialogar com Marx, ele estabelece um outro, que é o discurso do capitalista, o qual opera no sentido de não fazer laço, de tentar aboli-lo, uma vez que quem tem o domínio é o capital, como explicita Han (2018), ao dizer que não trabalhamos por causa de nossas necessidades e sim pelas necessidades do capital, que é tão auspicioso, que faz parecer que são nossas.

Conclusão

Se, por um lado, o cenário contemporâneo intensifica as formas de mal-estar, capturando o sujeito pelas vias da *performance*, da otimização infinita, da lógica do consumo e das novas modalidades de segregação, por outro, ele recoloca em

primeiro plano o lugar da psicanálise. É precisamente nesse ponto que a ética — entendida como ética do desejo — e o lugar do analista tornam-se decisivos. Lugar esse que, segundo Lacan (1969-1970/1992, p. 72), "deve se encontrar no polo oposto a toda vontade, pelo menos confessada, de dominar".

Lacan (1959-1960/2008) adverte: a ética da psicanálise não se orienta nem por ideais normativas, nem por prescrições de conduta, tampouco pela adaptação do sujeito ao mundo. A ética da psicanálise é, antes de tudo, a ética do desejo — e isso significa sustentar, a partir do discurso analítico, aquilo que não se deixa reduzir à lógica imperativa do desempenho ou às promessas imaginárias de completude que o capitalismo produz. Isso implica instaurar uma experiência em que o sujeito possa se separar da ilusão neoliberal do "empreendedor de si mesmo", que transforma a própria vida em capital a ser gerido, otimizado e exibido.

O discurso do analista, nesse sentido, não responde às novas formas de sofrimento com o reforço das mesmas engrenagens que o produzem; ou seja, não captura o sujeito em classificações normalizadoras, mas pela aposta no inconsciente e no trabalho da palavra. Assim, sustenta o legado freudiano: escuta em que o laço social se rompe, em que o sujeito se esvazia sob o peso das exigências, em que a vida se reduz a *performance*, para, a partir daí, favorecer o surgimento de outras formas de dizer, desejar e existir.

Assim, a atualização da psicanálise diante do neoliberalismo convoca à reflexão ética sobre a formação do analista. Numa contemporaneidade que exige resultados rápidos e otimização, a formação não pode se submeter à lógica do "treinamento" ou a "especialização técnica" de mercado. Sustentar o lugar do analista implica, para aquele que se forma, a experiência de despojar da posição de mestre ou empreendedor para sustentar o lugar de resto, permitindo que o analisante rompa com o discurso do capitalista e encontre uma via singular de desejo.

Referências bibliográficas

Alcantara, S. (2025a). (Com)domínio do ciberespaço: a cibercultura algorítmica em busca da tecnificação do mal-estar. *Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise*, *27*(esp. 1), 224-239. Recuperado em 14 de outubro, 2025, de https://revistas.dwwe.com.br:443/index.php/NH/article/view/1123

Alcantara, S. (2025b). *Segregação digital: ensaio psicanalítico sobre os efeitos do atual estado na internet, no sujeito e no laço social*. Curitiba: Appris.

Alcantara, S., & Lima, N. L. (2024). A lógica dos condomínios digitais: aproximações e subversões. In *Anais do XVII Simpósio Nacional da ABCiber: Arte, Comunicação e Educação em Tempos de Eventos Climáticos Extremos*. Florianópolis: ABCiber. Recuperado em 16 de outubro, 2025, de https://abciber.org.br/eventos/ojs3/index.php/simposio/article/view/20/70

Dunker, C. I. L. (2015). *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo, 2015.

Foucault, M. (2008). *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes.

Freud, S. (2020). Além do princípio do prazer. In S. Freud. *Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1920)

Freud, S. (2020). O futuro de uma ilusão. In S. Freud. *Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos. Obras incompletas de Sigmund Freud* (pp. 233-293). São Paulo: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1927)

Freud, S. (2020). O mal-estar na cultura. In S. Freud. *Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos. Obras incompletas de Sigmund Freud* (pp. 305-405). São Paulo: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1930)

Han, B. C. (2015). *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes.

Han, B. C. (2018). *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas tecnologias de poder*. Belo Horizonte: Âyiné.

Han, B. C. (2022). *A expulsão do outro: sociedade, percepção e comunicação hoje*. Petrópolis: Vozes.

Lacan, J. (1992). *O seminário 17: o avesso da psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970)

Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Texto estabelecido por Jacques--Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962--1963)

Lacan, J. (2008). *O seminário 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960)

Lacan, J. (2015). Nota sobre o pai. *Opção Lacaniana*, (71). (Trabalho original publicado em 1968)

Quinet, A. (2009). *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia* (2a ed.). Rio de Janeiro: Zahar.

Safatle, V. (2022). *Fetichismo: colonizar o outro* (6a ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Recebido: 28/02/2026

Aprovado: 14/08/2026